





## Palradores



**A** OPPOSIÇÃO ao convénio, na Camara Baixa, tem sido feita pelas quatro figuras talvez mais pittorescas da nossa politica: Beirão, Ressano, Fuschini e José Dias.

Como se comprehende, não é uma opposição convicta, systematisada, fecunda de idéas de combate, — mas uma opposição toda convencional, toda de necessidade e de pretendida coherencia. É a opposição palradora, ôcca como um cão de louça do Rato, a opposição sobre-posse, a opposição-necessidade politica, a opposição-efeito de rhetorica.

É preciso liquidar responsabilidades: por conseguinte, a opposição faz-se.

Recorre-se á phrase sonora e plastica, ao gésto cheio e violento, todo em curva como os géstos de Talma, ás indignações romanticas, sacóde-se a guedelha, levanta-se o nariz no repellão heroico d'aquella figura dos *Truands*, mette-se um olho pelo outro, fazem-se emendas ingénuas em assômos sanguineos de integridade nacional, e fala-se, fala-se, fala-se, fala-se e fala-se.

O constitucionalismo trouxe consigo a rhetorica implacavel.

O velho casarão fradesco de S. Bento, acostumado ao roncar vagaroso dos officios ao Divino, havia de extranhar depois a voz tonitroante dos tribunus. É a verdade é que Portugal não ganhou mais com a eloquencia burgueza das casacas de briche, do que com as liturgias ingénuas dos pobres frades bentos.

Ao regimen feudal e devoto, succedeu-se a oligarchia e a oratoria.

A politica portugueza tem levado os ultimos cincoenta annos a falar. Mas nada avançou em eloquencia além da forma toda hieratica e inutil do sermão. Os politicos do renascimento burguez cristalisaram no máu prégador.

Fala-se muito, fala-se sempre, com a particularissima habilidade de falar para não dizer nada, — como os discursadores congratulatorios da Academia dos Singulares.

O essencial é falar.

As reputações medem-se pelo numero de palavras por minuto. É o *record* da oratoria. Nos ultimos annos de constitucionalismo sereno, quanto se falou sobre aquellos pobres ossos fradescos e respeitaveis!

A regra de S. Bento, succedeu a *regra de bem viver*. E para bem viver, n'este cantinho latino, é preciso falar, falar, falar interminavelmente.

O *Hablador* de Cervantes, que falava sempre, que interrompia tudo, que não dizia nada, uma espécie castelhana e seiscentista de Oliveira Mattos com talento, seria entre nós um revolucionario politico e um leão de tribuna.

Falar bem, sem dizer nada, representa, em Portugal, a extrema perfectibilidade. É como que a razão de ser, a justificação de cada existencia politica.

Os quatro impugnadores hostis do Convénio, estão dentro do espirito da sua epocha: faláram e não disséram coisa nenhuma.

Um declama phrases de Academia, polidamente, com os punhos de Bufon e o nariz de Francisco I. Outro, fazendo trasvoltar a cabelleira argentea, diz coisas superficiaes com gestos profundos. Outro, o torto mais lido em Direito que se conhêce, propõe emendas platonicas e inconciliaveis. O ultimo, por fim, abana a cartilagem sinha socratica do nariz como quem sacode ao vento um pendão vermelho de revoluções.

Todos falam, e as palavras enchem o ar, descompassadamente, tumultuariamente, n'uma matizada de carilhões ensurdecedores, em phrases varias como sinos e balofas como saias de balão.

É no meio d'essa espécie de delirio maniaco, cheio de agitações e de esbracejamentos, no meio d'essas ondas de palavras que se atiram, e resoam, e estalam como matrâças, ha uma palavra só que nenhum dos impugnadores do convénio seria capaz de empenhar: a palavra d'honra de que o faria melhor.

THYRSO.



## Cumulos

Coser um kilo de carne n'uma machina... de costura.

Fabricar alavancas com as barras... do Porto de Lisboa.

Prender um cão com uma corrente... d'ar.

Abrir uma risca na cabeça... d'um prego.

Promover a sargento um cabo... de faca.

Dormir muito quietinho no leito... d'um rio.

## Scenas de quarteis



— Malandro! Então serves-te da minha escova de dentes, hein?  
— É, mê capitão, nan tenho nójo de Voxoria...



# Vivinha a saltar!

Como não concluímos a tempo o quadro symbolista que segue, no genero d'aquelles que o sr. Marianno de Carvalho reproduziu ha tempos no *Popular*, não o podemos mandar para a Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes. Mas para não roubar mos aos leitores o praser de tão superior obra d'arte aqui a reproduzimos fielmente:

Para uso interno

(Dos credores internos)

Agite antes de usar



E' impossível que a estas horas o sr. conselheiro João Arroyo não tenha recebido proposta para escriptura do empresario Ruas; e menos possível é que, a estas horas tambem, o sr. Maximiliano de Azevedo não esteja trabalhando n'um pavoroso dramalhão destinado á estreia do sr. Arroyo como pae nobre no theatro da Rua da Palma.

Porque é evidente que o sr. Arroyo é uma vocação decidida para o drama-chouriço de sangue! Essa phrase, tantas vezes repetida sem exito algum pelos comicos do Principe Real — *Para traç e de joelhos!* — dita ha dias na camara dos deputados pelo sr. Arroyo, provocou um arripio em todas as espinhas e entalou uma espinha no gorgomilho do sr. Fuschini que, segundo os chronicistas, pallido e succumbido, abandonou a sala dos mandatarios do povo, — isso são elles! — não de joelhos como o seu *irrevogavel* collega lhe mandara, mas com o rabinho entre as pernas, como os cãesinhos que ladram aos gatos e por estes são arranhados.



Não sabíamos da prenda que o sr. Arroyo manifestou agora com tanto exito, no proprio momento em que termina a sua temporada na camara dos deputados e vae passar para a dos pares. E naturalmente o sr. Fuschini tambem a ignorava, como esquecera o officio que em tempo dirigiu ao *Council of masses* lá de fora.

Pois é para que saibamos, os dois: o sr. Fuschini para não tornar a metter-se n'outra; e nós para reflectirmos sobre o caso e tirarmos talvez esta conclusão:

— Arroyo mandando quem quer que seja cahir de joelhos?! Esta é de cahir... de costas!



A titulo de curiosidade extrahimos do *Diario de Noticias* o seguinte annuncio sob o titulo — *Senhora*:

«Sendo seria, em circumstancias de precisar do auxilio d'uma pessoa, deve dirigir carta á agencia de annuncios, R. Aurora, 3, a C. O.»

Ors façam favor de me dizer qual será a senhora que, sendo seria, acceta um convite para O — O?



Um cumulo de delicadeza seria fazer o convenio da divida com a devida vénia. Esta é do grande Elias.



Noticiam collegas que o sr. ministro da fazenda vae fazer a remodelação da moeda, tendo um plano muito catita, o qual consiste em tornarmos a ter tostões e meios tostões de prata e começarmos a gosar chetas lépes e guines de nikel.

Por isto se vê o valor que tem a actual moeda de nikel. Para fazer um vintem, que é cinco vezes mais pesado que um tostão, serão necessarios, salvo erro ou ommissão, cinco tostões.

Vão vendo.

Depois, a gente passa a dizer: em vez de «não quero o tostão quero os meus cinco vintens»:

— Não quero o vintem, quero os meus cinco tostões!



O *Diario de Noticias* publicava ha dias os retratos de trez anões de Villa Franca, e mostrava-se muito surpreendido porque os paes dos rapazelhos eram altos como torres, especialmente o pae macho, que costumava levantar a perna para que as pessoas baixas passassem por sob ella.

Não sabe o *Diario de Noticias* atinar com a razão porque pae tão alto teve, ou fez ter, filhos tão pequenos.

Eu lhe digo. E' que esse Christovão da Nora tinha em certas circumstancias da vida a perna o sr. conselheiro João Arroyo, que a certa altura lhe gritava sempre:

— A terra, Christovão da Nora, de joelhos!

Ora ahí está.



Escreve um chronicista litterario:

«O portuguez tem a nostalgia da caravel-la.»

Como se sabe caravela, em calão adoptado, quer dizer cinco tostões.

Está, portanto, certo. A nostalgia da caravela. E' isso mesmo.



Em D. Maria, n'um dos intervallos do *Casamento de Figaro*, o sr. Ferreira da Silva é nas *Novidades*:

«A Comedie Française vae fazer reprise do *Casamento de Figaro*. O papel de Figaro é desempenhado por Coquelin Cadet.»

Commentario:

— Oh senhores, não podem vêr uma camisa lavada á gente!





# O baile de Luiz Alonso... em S. Bento

OU

A QUADRILHA... DO CONVENIO



RAFAEL PINHEIRO.

A discussão do Convênio foi organizada, segundo os moldes das quadrilhas do *Baile de Luiz Alonso*, dançando se animadamente e não podendo ser maior a amabilidade dos donos da casa. Foi muito saboreado o chocolate da Consignação.





## O homem esverdeado!

ou a Porta Misteriosa do segredo dos Thesouros dos  
subterraneos do Castello Maldito

**Grande romance historico**

(Tradução á letra miudinha do notavel escriptor M. Gustavo)

PRIMEIRA PARTE

## PAMELA, A PERFIDA

OU

«Não, não, o violô nem sempre é castigado»

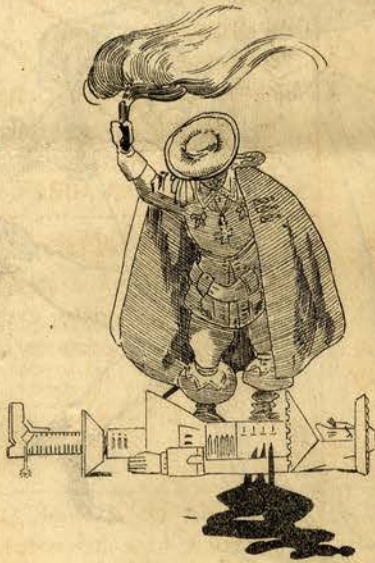
(Continuação do numero antecedente)

### CAPITULO VII

#### O bilhete ensanguentado

— Sim, illustres senhoras e senhores. Viu-o hontem com es-  
tes dois, que a terra hade comer— e fazia pontaria aos olhos, que  
de resto eram bem bonitos.

— E ainda hoje, continuou elle, quando dirigia meus passos  
vacillantes para junto da mais bella das creaturas, isto é, ainda  
agora quando vinha para cá, aqui mesmo á esquina d'esta rua, tro-  
pecei n'um corpo estendido no chão, e apresentando uma rigidez  
cadaverica.



— Debrucei-me e á luz incerta d'um archote, quem havia eu  
de reconhecer? O Homem Esverdeado, immovel, inanimado, já frio.  
O seu coração tinha sido atravessado por vinte e cinco facas,  
e já não batia.

V. Ex.<sup>ta</sup> deram um suspiro d'allivio, imaginando-se já livres  
d'elle, mas enganam-se, porque o Homem Esverdeado não morre,  
digo-lhes eu.

Amanhã decerto irá ao baile da côrte. Tremamos, sim tre-  
mamos, pois a sua presença presagia a morté d'algun grande do  
reino. Alguem de nós, talvez!

O auditorio estava suspenso dos labios do joven alferes, que  
deresto os tinha lindos.

Até os mais scepticos já não faziam troça e conservavam-se  
mudos e quédos.

— Na verdade, disse Milady, com um sorriso contrafeito, essa  
historia impressionou-me devéras. Despeço vos, por esta noite,  
meus Senhores, tenham paciencia e vou ver se esqueço nos bra-  
ços de Morpheu todos esses contos d'almas do outro mundo.

Dez minutos não eram passados e os salões da embaixada es-  
tavam sem ninguem.

Lady Pamela, acompanhada da sua criada Frida ia a entrar  
no seu quarto, quando de repente recuou, soltando um grande  
grito d'horror.

Na parede, junto do leito, estava pregado, com um punhal,  
um bilhete de pergaminho. N'esse bilhete estavam traçadas, com  
uma tincta encarnada que parecia sangue não coalhado, estas pou-  
cas palavras:

«Mulher! *Approxima-se a hora da expiação.*»

«O homem esverdeado.»

### CAPITULO VIII

#### O Baile

A brilhante festa estava no seu auge.



As luzes, o frou-frou das sedas, o brilho das joias, a brancura  
dos decotes e etc., tudo contribuia para que aquelle baile fôsse  
realmente um spectaculo feerico.

— Por Deus! disse Pelade a Montretout, devemos concordar  
que a soirée está animadissima e que a concorrência é das mais  
selectas.

Está cá tudo. O *Tout-Paris* das primeiras representações do  
D. Amelia e do Colyseu deu-se *rendez-vous* hoje aqui.

Os donos da casa teem recebido os convidados com a sua  
bem conhecida amabilidade e reina entre todos a mais franca cor-  
dalidade.

Vimos entre outras, a linda Condessa de X, a Viscondessa de  
S. Eth, etc., e outras cujo nome nos não occorre.

Ah! mas vamos ao caso.

Sósinho, isolado, tão bem escondido  
atrás d'uma columna que ninguem o via,  
achava-se, de pé um homem alto, vesti-  
do de escuro e com uma cara livida.  
Detalhe extraordinario; trazia uma ca-  
pa de velludo preto semeada de lagri-  
mas de prata.

Que queriam dizer essas lagrimas?  
O que significava esse velludo? Quem  
era esse homem?

O Homem esverdeado—porque era  
com effeito, elle,—batia no chão com o  
tacão da sua bota alta e dava inequivo-  
cos signaes de impaciencia.

— Meia noite acaba de soar e os com-  
panheiros, sem apparecerem!

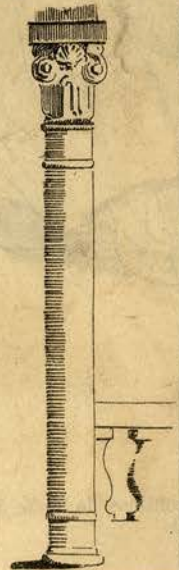
N'isto, deitando a cabeça de fóra da  
sombra da columna, imitou o piar da  
coruja e por trez vezes o repetiu.

Como obedecendo a um signal con-  
vencionado, dos grupos animados e  
multicores, destacaram-se dois perso-  
nagens inteiramente mascarados e nos  
quaes o amavel leitor terá já reconhecido  
nossos conhecidos Melchior e Mosca-de-  
Carne,—porque não eram outros senão  
elles.

Melchior trazia ainda o brilhante uni-  
forme do *clan* dos Mac-Donnell.

— Então, companheiros, encontraram  
o que procuramos?

(Continúa)





# O TELEGRAPHO SEM FIOS POR XAUDARÓ



## Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

1.ª serie de 10

200 réis

20 réis cada um

Em Lisboa acham-se á venda nas lojas onde se vende a *Parodia* e na administração, d'este jornal, rua do Gremio Luzitano, 56-1.ª, para onde podem ser dirigidos quaesquer pedidos, acompanhados das respectivas importancias.

## MENÉRES & C.ª

Porto

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sociedade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto  
AGENCIAS EM TODO O MUNDO

## Ourivesaria e Relojoaria

com officina anexa  
de fabrico e  
concertos



**FLORINDO**

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

## Callista

pedicuro



JERONYMO FERNANDES

R. SERPA PINTO, 43, 1.ª

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e  
Edesencramento de unhas  
pelos mais modernos processos  
até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite e se consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que alli se operam

## A CAPA D' "A PARODIA,"

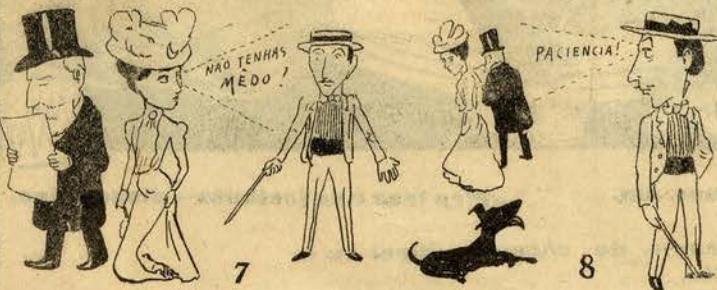
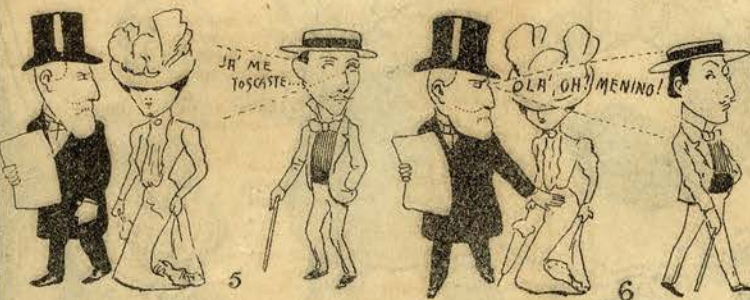
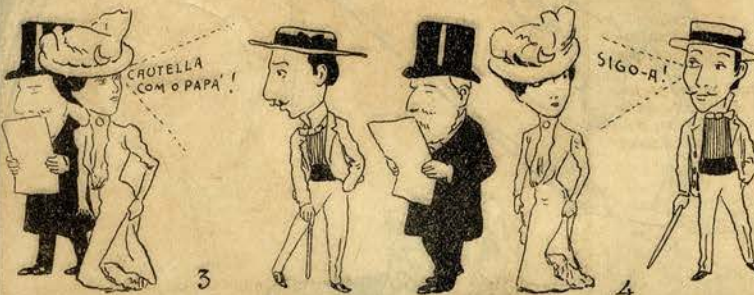
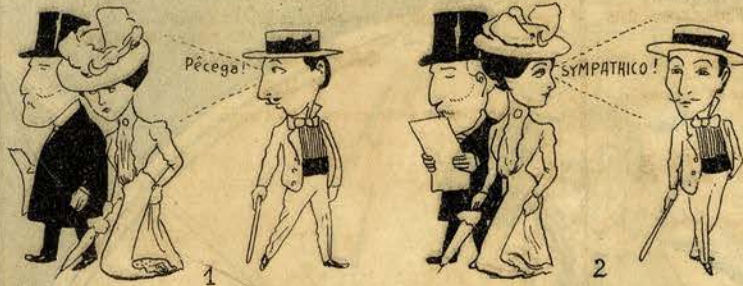
Para o 1.º e 2.º volume

Preço 700 réis cada

Vende-se em Lisboa, no escriptorio da administração Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º, na papelaria Alves & Ferreira, Rua Augusta 220 e 222, e em diversas livrarias e tabacarias. No Porto em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro. Em Coimbra, na livraria Mesquita.

A administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos da provincia para remessa de capas, devem ser acompanhados de mais 40 réis para porte do correio, de cada capa.





RALHAM AS

DIZE TU...

COMADRES...

DIREI EU



— «P'ra traz e de joelhos» — disse um.

— «P'ra traz e de joelhos» — disse outro.

— P'ra traz e de cócoras — direi eu e  
tenho dito.

E a toda a altura do circo parlamentar, sem rêde, o da Fazenda, «passou a explicar o modo de fazer a amortisa-  
ção dos títulos e respectivos juros, sem desequilibrar o orçamento.» (Do Imparcial)